

BRRRRRAIN

António Olaio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Rosebud (Post-Nuclear Country), 1994
Video, cor, som, 3'09"

António Olaio: Pinturas com Banda Sonora

Kenny Schachter

A componente formal da arte de António Olaio investe a pintura de uma outra dimensão completamente diferente, uma vez que existem pinturas figurativas com texto sobreposto, acompanhadas de um vídeo musical cantado. Estas construções de multimédia funcionam como dispositivos narrativos com bandas sonoras incorporadas, revelando contos visuais com origem nas profundezas do subconsciente do artista. Para melhor compreendermos o seu trabalho, é importante falarmos da pessoa por detrás da sua feitura, uma vez que ela se encontra inserida, literal e/ou figurativamente, em cada uma das peças, actuando como protagonista de um acompanhamento musical feito à medida, para nossa satisfação visual e acústica. As canções de Olaio são peças reducionistas, geralmente com uma melodia simples e monótona, ao passo que as suas pinturas são como vívidos filmes de um só fotograma, apesar dos protestos do artista em contrário.

Fisicamente, António Olaio é um cruzamento entre Kevin Spacey, Elvis Costello e uma pitada de Pee Wee Herman. A sua faceta Pee Wee manifesta-se nas suas cogitações absurdas e dadaístas em relação a tudo, a nada e ao totalmente estranho. Ele é afectado, e por vezes o efeito é assustador, mas ao mesmo tempo comovente, emocionante e encantador. O canto monótono pode ser uma distração, mas também nos prende e fica retido na nossa mente. Para Olaio, pintar não é suficiente; talvez precisasse de mais ADN no trabalho do que aquele que o simples pigmento na tela pode proporcionar. O resultado é o próprio António, tornado artista *pop* idiossincrático, que se infiltra em cada pequeno filme. Contudo, nas mãos do artista, o que poderia parecer assaz

exibicionista e auto-apologético revela-se cómico e patético. Ao contrário de Cindy Sherman, a olhar constantemente para o seu próprio umbigo enquanto as suas fantasias performativas entram em desvario, as explorações de Olaio encontram-se inextricavelmente ligadas ao seu sentido de auto-identidade.

Na sua arte, António Olaio mostra-se confiante, embora com pouca auto-estima, caricatural e sombrio, torturado e pateta, tudo em simultâneo. Não parece levar-se muito a sério, como transparece nesta citação em que descreve uma das suas obras: “Esta canção soa bastante séria, quase pomposa, mas felizmente é bastante parva no seu pretensiosismo.” A sensação de insegurança é tão palpável quão evidente é a natureza autodepreciativa da pessoa que se encontra por detrás do trabalho; mas Olaio enfrenta destemidamente o fracasso, ao colocar-se repetidamente à frente e no centro das suas composições.

Tanto quanto o que é expresso nas imagens, sejam em movimento ou estáticas, as bizarras combinações de palavras cativam-nos sempre. Talvez a linguagem seja tão confusa para ele como é para mim, ou talvez o sentido se perca na tradução; talvez não seja isso o que é assustador, e este mundo de absurdo societal seja completamente normal, familiar e compreensível para o António. Mas, na realidade, não me interessam os sentidos pretendidos por Olaio: os seus *cocktails* verbais são tão ricos e cheios de sabores que despertam todo o tipo de associações existenciais.

Brrrrrain [Cérrrrrebro], o título da exposição, faz lembrar um congelamento cerebral, também conhecido como uma dor de cabeça tipo gelado, uma dor momentânea semelhante à de um enfarte, causada pelo frio excessivo ou por qualquer outra coisa. Os maravilhosos trabalhos de António Olaio, consumidos demasiado depressa, como uma criança a atacar uma deliciosa guloseima, despertam alegria e confusão, dor e prazer! O artista denomina-os *punk*, o que não é algo que eu veja, tenho de admitir, a menos que seja de uma variedade tão sublime que me

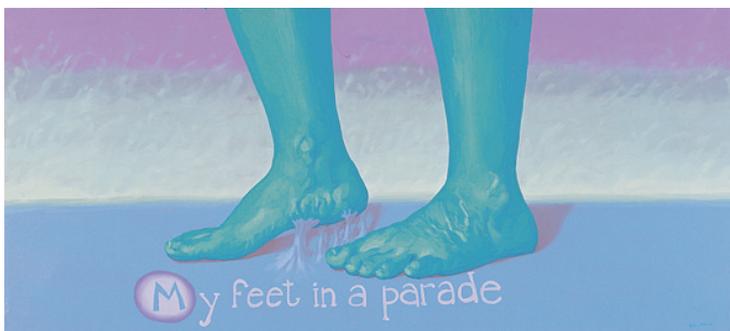
ultrapassa. O que eu vejo é engraçado, inofensivo, um pouco irritante, com floreios de comédia burlesca, *ainda que sem dúvida estranhamente desconcertante*.

As pinturas pertencem a uma escola a que chamo *Good Bad Painting* [Boa Má Pintura]; ao invés de se inserirem numa variante fotorrealista de figuração, são coloridas, sedutoras, arrebatadoras e vívidas, na linha dos Imagistas de Chicago, um grupo de pintores de uma figuração surreal, onde se inclui Jim Nutt, Roger Brown e Ed Paschke. Este estilo de pintura agarra-nos violentamente com cores ácidas, e completa o ataque com uma imagética grotesca.

Olaio acentua esta mistura ao incorporar na sua arte jogos de palavras e canções: é música e letra em forma de escultura, transformando uma melodia num objecto tão pesado como o bronze. Som e vibração adquirem as características da tinta e do pincel. Nos vídeos, não acontece grande coisa visualmente, mas existe sempre aquele característico lamento repetitivo, que capta e prende a nossa atenção. Os vídeos assumem valores de produção irrelevantes, à medida que melodias funéreas e atmosféricas preenchem o pano de fundo. E as canções... muitas vezes têm a monotonia invulgar de Serge Gainsbourg, Leonard Cohen e Lou Reed, com alguma da excentricidade de John Cage. Sim, pode ser irritante, mas depois fica atravessado na garganta, como acontece com toda a boa música e arte. Contudo, em última análise, a música funciona; sobressai como uma realização em si própria.

Só António Olaio é capaz de encontrar o lado “indecente” das borboletas, e aqui ficam algumas reflexões sobre os seus títulos e jogos de palavras...

My Dreams Are Small and Sad [Os meus sonhos são pequenos e tristes]. Tristes talvez, mas o trabalho de Olaio está longe de ser trágico. Melancólica e repleta de um sentimento de saudade e depressão, a arte traz incorporada uma componente de fracasso. Será Olaio um inadaptado? Diria peremptoriamente que não; à maneira do escritor Samuel Beckett e do cantor Beck, é um



My Hand, a Ready-Made, 1991
Óleo sobre tela · 90 x 200 cm
Coleção particular, Leiria

My Feet in a Parade, 1991
Óleo sobre tela · 90 x 200 cm
Cortesia Galeria Filomena Soares, Lisboa

My Heart Is Fading Red, 1991
Óleo sobre tela · 90 x 200 cm
Coleção particular, Esposende

My Dreams Are Small and Sad, 1991
Óleo sobre tela · 90 x 200 cm
Coleção Heitor Alvelos, Porto

trovador existencial, uma combinação dos dois. António parece dizer: “I’m a loser baby, so why don’t you kill me.”¹

My Hand, a Ready-Made [A minha mão é prefabricada]. É como se, para Olaio, o acto de fazer arte fosse independente da sua vontade, uma acção para além da volição. Existe um sentimento de predeterminismo, de a natureza ter a última palavra no eterno debate sociológico natureza *versus* educação. Esta noção de uma prática artística a operar fora da escolha pessoal é igualmente evidente no título *If I Wasn’t an Artist What Could I Be?* [Se eu não fosse artista, o que é que seria?]. Para Olaio, a feitura da arte está preordenada e fora do reino e da luxúria da escolha.

I Think Differently Now That I Can Paint [Penso de maneira diferente agora que posso pintar]. Apesar de, para Olaio, a aptidão para a arte ser algo com que se nasce, ainda assim, apurar essas capacidades é semelhante ao trabalho de um operário e implica uma ética de trabalho puritana e diligente. Requer tenacidade, perseverança e teimosia, e nem assim o sucesso é garantido; longe disso, especialmente em tempos difíceis. O processo artístico, qualquer que seja a forma que assume, envolve frequentemente (apesar de opiniões em contrário) rotina, execução de tarefas e organização, que não se encaixam propriamente na ideia romântica de um artista atormentado no acto da criação. Fazer arte, para Olaio, equivale também a iluminação intelectual.

Broadcasting My Songs [Difundindo as minhas canções]. Encontramos aqui indícios de outro artista vaidoso e megalómano que insiste em falar para o mundo inteiro; no entanto, na pintura com o mesmo título, para além do texto declarativo por baixo da imagem de um microfone, existe também a representação de fios eléctricos emaranhados e de funcionamento impossível. Existe, pois, amor-próprio, mas encontra-se conjugado com uma vaidade que, por vezes, é também factor de autonegação.

1. Da canção “Loser”, de Beck: “Sou um falhado, querida, então porque não me matas?” [N.T.]

Pictures Are Not Movies [Quadros não são filmes]. Ah! Odeio ser eu a ter de dar a novidade ao Sr. Olaio, mas se alguma vez um quadro foi de facto um filme, é aqui. Estes são filmes de um só fotograma. De qualquer modo, independentemente da insistência de Olaio, e como é aqui o caso, os artistas são frequentemente os menos capazes de analisar o seu próprio trabalho. Por isso, desculpem-me por ter a liberdade de procurar noutro lado interpretações e sentidos para esta arte.

Bambi Is in Jail [O Bambi está na prisão]. Não existe uma justaposição de palavras mais estranha do que esta: uma afirmação imprevisível que é, em igual medida, demoníaca e caprichosa, mas ao mesmo tempo deliciosamente cruel.

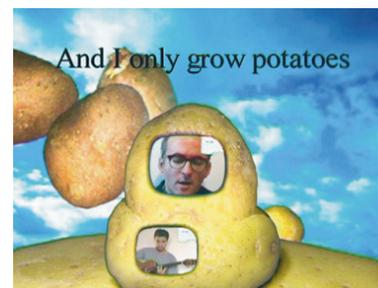
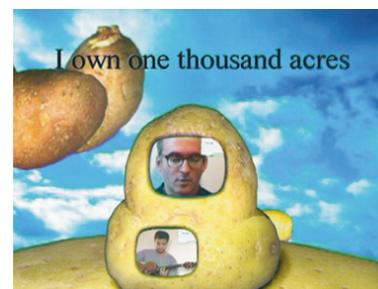
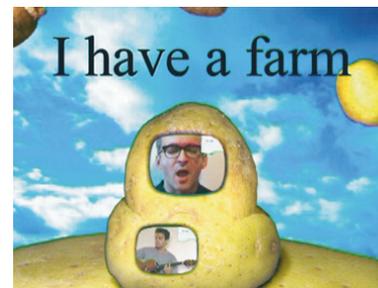
Sit on My Soul [Senta-te na minha alma]. Nesta pintura, somos confrontados com uma *pinup*, nua e voluptuosa, assumindo uma pose provocadora. O título expressa, não o anseio por um arranjo sexual rápido, mas antes uma solicitação para satisfazer a curiosidade espiritual e intelectual de Olaio. Esta obra também deixa entrever Olaio a olhar para dentro de um qualquer quarto impenetrável, onde outros têm mais amor, mais diversão e maior êxito do que ele aparentemente alguma vez irá desfrutar. Isto é o mais próximo que Olaio chegará do sexo explícito nas suas pinturas e nos seus vídeos, mas trata-se de um distraído e abstracto anseio, e não de qualquer consumação. Amor, mas mais provavelmente amor perdido, uma negação do amor. *Three Pounds of Wine and She Loves You* [Três copos de vinho e ela ama-te]. Se isto não diz tudo, não sei o que dirá.

Sweaty Potatoes [Batatas transpiradas]. Com evocações desencontradas como esta, Olaio consegue ser por vezes completamente ordinário e repugnante, como um certo género de filmes para adolescentes. Parece-me que é aí que Olaio nos quer levar, numa viagem tão absurda e surreal como Willy Wonka (na versão original), com idêntica diversão perversa e despropositada. Seja como for, é difícil voltar a olhar para batatas do mesmo modo. *Wicked Teachers* [Professores perversos]. Temos aqui Olaio a

questionar a autoridade, tanto na arte como no resto, mas sempre na perspectiva de uma criança insaciável, curiosa, ainda que *marota*. Essa é, para mim, a essência da obra: ela é o produto de uma abordagem fatigada e distorcida, mas sempre existencialista e humorística, da vida, e consegue sentir-se a sensação de alegria e libertação de que ele parece desfrutar durante o processo.

Os vídeos, as canções e as pinturas de António Olaio, tomados como um todo, parecem uma desculpa esfarrapada para subir a uma tribuna improvisada, e gritar a quem quiser ouvir, com vista a transmitir uma voz totalmente única que é simplesmente encantadora e fantástica. Trata-se de uma filosofia de vida abrangente, vista através de uma linguagem multifacetada de processos de imaginação excêntricos. Afinal, ao cantar, escrever e pintar, Olaio vai ao fundo dos nossos corações, cabeças e almas.

Texto publicado no catálogo *Brrrrrain*, António Olaio, que acompanha a exposição.



Potato Farm, 1999
Vídeo, cor, som, 3'20"

Exposição

Curador

Miguel Wandschneider

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos

Coordenação de Montagem

Fernando Teixeira

Equipa de Montagem

André Lemos
André Tasso
Heitor Fonseca
Laurindo Marta
Maria Soares
Sérgio Gato
Sílvia Santos

Jornal de Exposição

Texto

Kenny Schachter

Tradução

João Vilhena (Kennis Translations)

Coordenação

Marta Cardoso

Créditos Fotográficos

Laura Castro Caldas & Paulo Cintra
(pp. 6 e 7)

Design

Gráficos do Futuro

Impressão

Maiadouro

© 2009, Fundação Caixa Geral
de Depósitos - Culturgest, Lisboa
© das obras reproduzidas: o artista;
do texto: o autor

Conversa com António Olaio e Miguel Wandschneider

Sábado, 14 Novembro, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 21 de Novembro e 12 de Dezembro, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 8 de Novembro e 6 de Dezembro, 17h30

Galerias abertas de segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30).

Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30). Encerram à terça-feira.

Informações: 21 790 51 55 - www.culturgest.pt - Edifício Sede da CGD, Rua do Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

24 Outubro - 23 Dezembro 2009
